

PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO INDÍGENA REFUGIADA E MIGRANTE ABRIGADA EM RORAIMA



© ACNUR/ALLANA FERREIRA

PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO INDÍGENA REFUGIADA E MIGRANTE ABRIGADA EM RORAIMA

Sumário

01	RESUMO EXECUTIVO	4
	Demografia	5
	Educação	6
	Trabalho	6
02	RELATÓRIO	8
	Introdução.....	10
	Objetivo.....	10
	Metodologia	10
	Análise de Dados	11
03	RECOMENDAÇÕES FINAIS	32





© ACNUR/ALLANA FERREIRA

1



RESUMO EXECUTIVO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO INDÍGENA REFUGIADA E MIGRANTE ABRIGADA EM RORAIMA

Roraima é a principal porta de entrada para as populações indígenas venezuelanas em busca de proteção internacional. Atualmente estima-se pelo menos 5.500¹ indígenas venezuelanos no Brasil, destes, pelo menos 2.500 estão no estado de Roraima. Após pouco mais de três anos de abrigamento, entende-se que ainda persistem alguns desafios com as estratégias de soluções duradouras e de saída dos abrigos por parte das comunidades indígenas abrigadas no estado de Roraima, nesse sentido o presente relatório busca oferecer dados consolidados sobre o perfil socioeconômico da população, fruto de um cruzamento entre o sistema ProGres² e questionários quali/quantitativos aplicados durante os meses de novembro e dezembro de 2020 nos abrigos Pintolândia (Boa Vista) e Janokoida (Pacaraima).

Os dados apresentados demonstram a necessidade de desenho específico de estratégias de meios de vida entre as agências e organizações baseado em cursos básicos, como português para povos indígenas, cursos profissionalizantes com foco em geração de renda, reconhecimento de capacidades já adquiridas na Venezuela e ações que contemplem tanto perfis rurais como urbanos nessas estratégias.

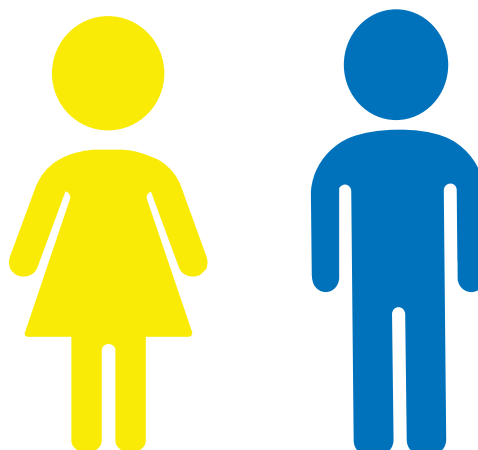
O levantamento apresenta como resultado a necessidade de ofertar serviços básicos para estas comunidades como mecanismo de autonomia e apoio comunitário, uma vez o acesso serviços básicos e à renda segura são os primeiros passos para sair dos abrigos.



DEMOGRAFIA

- ▶ Ao todo 382 pessoas acima de 16 anos participaram da análise, representando **70%** da população no Abrigo Pintolândia (Boa Vista) e **92%** da população estimada no Abrigo Janokoida (Pacaraima).
- ▶ Participaram deste levantamento 195 pessoas que se identificam com o gênero feminino (**51%**) e 187 com o gênero masculino (**49%**).
- ▶ Em relação à distribuição por faixa etária percebe-se que a maior parte se concentra nas camadas mais jovens. Assim, somando as populações que se encontram entre as faixas etárias de 16 a 30 anos obtêm-se o número de 203 pessoas, que corresponde a mais da metade das populações que participaram do diagnóstico (**54%**).

- ▶ Do total das 382 pessoas que participaram do diagnóstico, 367 responderam falar espanhol, o que corresponde à imensa maioria da população analisada (**96%**). Já 334 pessoas declararam ser falantes de Warao (**87%**), enquanto 78 pessoas indicaram falar português (**20%**).



¹ Relatório de Atividades Para Populações Indígenas (janeiro e fevereiro) - https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/03/ACNUR_Informativo_Indigena_jan-fev-21-2.pdf

² Sistema de cadastro interno do ACNUR



EDUCAÇÃO

- ▶ **18%** declararam não saber ler e nem escrever. Já, **17%** pessoas informaram ter cursado até o 6º ano que corresponde ao Ensino Fundamental no Brasil. Outro dado significativo diz respeito ao número de pessoas que informaram ter concluído o bachiller que corresponde ao ensino médio no Brasil, pelo menos **14%**. Por outro lado, apenas **2%**; pessoas declararam ter uma formação técnica
- ▶ Dos Warao e E'ñepa que possuem formação de cursos realizados na Venezuela, **83%** responderam que não possuem certificação, e **17%** responderam que possuem.
- ▶ Apenas 8 pessoas declararam ter uma formação técnica (**2%**); 9 pessoas declararam ter concluído um curso de graduação (**2%**) e ainda 14 pessoas informaram ter iniciado a graduação, mas não chegaram a concluir o curso (**3%**)³.
- ▶ Entre as 382 pessoas que participaram do diagnóstico, a grande maioria, ou seja, 323 pessoas não fizeram nenhum curso no Brasil, correspondendo a **85%**. Apenas 59 pessoas responderam ter participado de algum curso, correspondendo a **15%** da população diagnosticada.



TRABALHO

- ▶ Das 382 pessoas que participaram do diagnóstico, mais da metade, ou seja, 195 pessoas responderam não ter tido alguma experiência de trabalho no Brasil (**51%**), enquanto 187 pessoas responderam que sim (**49%**).
- ▶ Das 187 pessoas que responderam já ter trabalhado ou que estão trabalhando atualmente no Brasil, a grande maioria, ou seja, 160 pessoas informaram não ter nenhum vínculo formal de contratação, desempenhando trabalhos sem carteira de trabalho assinada (**86%**). Já um número muito reduzido, 27 pessoas responderam ter trabalhado ou estar trabalhando com um vínculo formal de trabalho, com carteira de trabalho assinada ou possuir contratos com prazo determinado (**14%**).
- ▶ Das 382 pessoas que participaram do diagnóstico, **57%** expressaram sua vontade de trabalhar na cidade, já **43%** informaram que preferem trabalhar na zona rural. A maioria, portanto, prefere trabalhar na cidade. E neste ponto é importante recordar que entre os trabalhos realizados anteriormente na Venezuela pelos Warao e E'ñepa, vários remetiam diretamente ao contexto urbano, como por exemplo, metalúrgico, garçom, babá, caminhoneiro, etc. Já para os que expressaram preferir morar na zona rural a principal atividade realizada foi agricultura

³ Todas as respostas foram especificadas na Seção de Educação e Escolaridade do documento



2





© ACNUR/ALLANA FERREIRA

RELATÓRIO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO INDÍGENA REFUGIADA E MIGRANTE ABRIGADA EM RORAIMA

1. INTRODUÇÃO

Este relatório busca apresentar os resultados de diagnóstico socioeconômico aplicado nos Abrigos Indígenas em Roraima (Pintolandia e Janokoida)⁴, administrados pela Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI) com apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), entre o período novembro a dezembro de 2020.

Durante este período a equipe da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI) em campo realizou a pesquisa e levantamento de dados com a plataforma *KoBoToolBox* para identificar o perfil da população, tais como: experiências laborais, acesso a renda, aspectos de educação e capacitação para Meios de Vida.

Dessa forma, buscou-se ter uma compreensão mais ampla sobre a diversidade de perfis entre os grupos indígenas, inclusive refletindo sobre as questões étnicas na população indígena Warao e Eñepa, refletindo sobre as diferenças entre ambos grupos, que possuem idiomas, grupos de liderança e perfis diferentes, **respeitando suas particularidades, bem como suas perspectivas e experiências prévias.**

2. OBJETIVO

Este estudo busca oferecer uma base de dados consolidada para possibilitar o desenho de novas estratégias por parte dos atores da Operação Acolhida com foco em soluções duradouras junto à população refugiada indígena que reside nos abrigos em Boa Vista e Pacaraima⁵.

3. METODOLOGIA

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário com 31 perguntas, aplicadas por meio de entrevista individual e através da ferramenta Kobo para toda a população dos Abrigos Indígenas Pintolândia e Janokoida da faixa etária de 16 anos para cima, de modo sensível às especificidades culturais do público e da origem do entrevistado.

A aplicação foi feita em seu espaço de residência, realizado na língua espanhola e facilitada por mediadores nos casos na qual o entrevistado não tinha conhecimento pleno do idioma, utilizando uma abordagem de entrevista estruturada, quando a relação de perguntas é construída e seguida sem variação. Para a aplicação do questionário com os Eñepa, foi imprescindível a presença do antropólogo atuando junto com um facilitador local na mediação das informações.



© ACNUR/ALLANA FERREIRA

- 4 Na época do desenvolvimento do relatório, existiam dois abrigos indígenas (Pintolandia e Janokoida), uma vez a população do Ka'ubanoko ainda estava em processo de negociação para mudança de espaço e o abrigo Novo Canaã e Tancredo Neves permaneciam fechados. Nesse sentido, espera-se construir junto aos novos abrigados estratégias de soluções direcionadas de acordo ao perfil de cada família.
- 5 Vale ressaltar que os dados devem ser usados buscando o trabalho conjunto com as comunidades, não substituindo a necessidade de consulta sobre propostas a serem desenvolvidas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

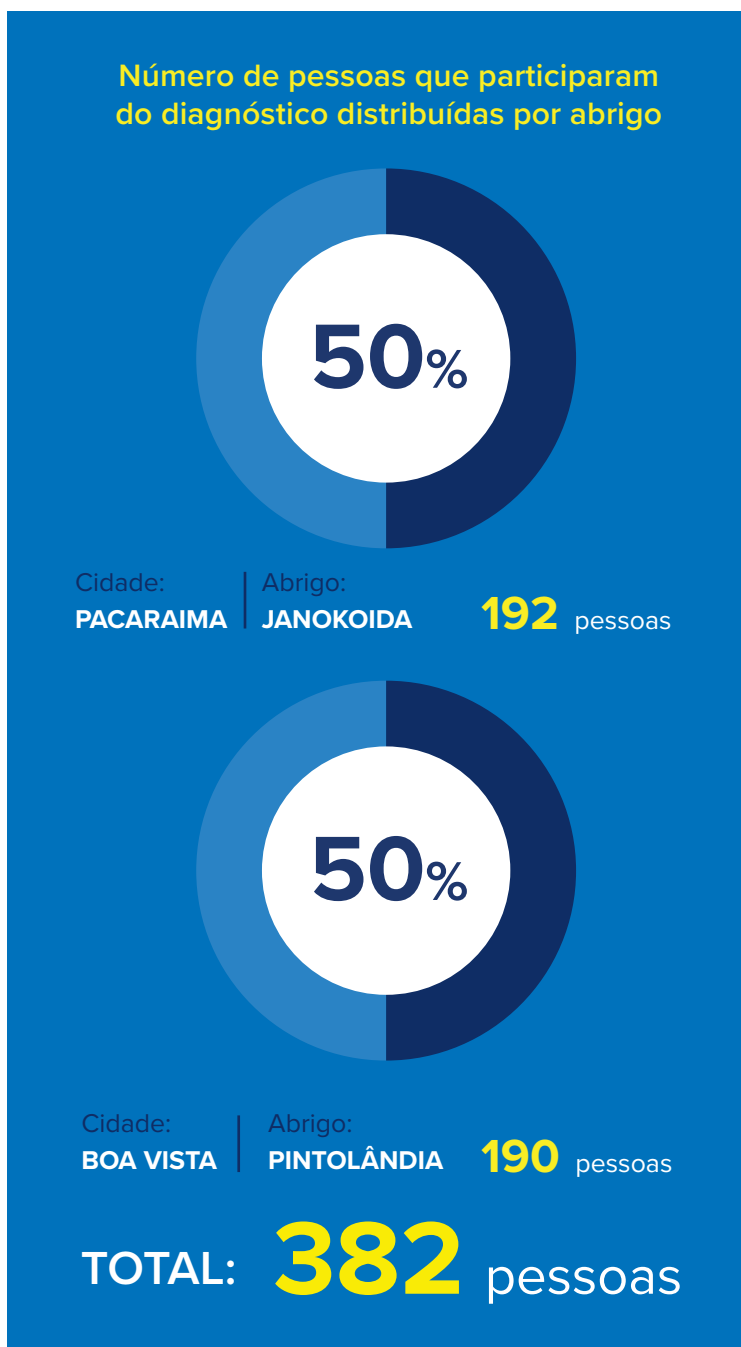
A - Dados Demográficos



NÚMERO DE PARTICIPANTES E SUAS ETNIAS/GRUPOS IDENTITÁRIOS

Ao todo 382 pessoas acima de 16 anos participaram da análise, representando 70% da população estimada no Abrigo Pintolândia (Boa Vista) e 92% da população estimada no Abrigo Janokoida (Pacaraima) com este recorte de idade, não incluindo crianças e adolescentes até os 15 anos. Foram entrevistados dentro da população indígena, em Boa Vista e Pacaraima, pessoas pertencentes as etnias Warao (344 entrevistados 90%), E'ñepa (19 entrevistados – 5%), e 19 entrevistados (5%) que não se identificam como pertencentes de nenhuma das etnias citadas (13 pessoas se autodeclararam “criollos”⁶, 5 pessoas como “mestiços” e 1 como da etnia Akawuaio).

Obviamente a presença maciça dos indígenas Warao nestes abrigos impõe algumas reflexões, pois o fato de serem indígenas vindos da Venezuela, compartilharem o mesmo *status* de refugiados ou residentes e coabitarem no mesmo espaço de residência, não significa que os Warao e E'ñepa tenham a mesma visão de mundo e muito menos as mesmas expectativas em relação ao que almejam para suas vidas no Brasil. Neste sentido, os indígenas E'ñepa além de se constituírem como uma etnia distinta dos Warao, falantes de uma língua pertencente a um outro tronco linguístico (caribe), carregam consigo todas as idiosincrasias que os separam e os diferenciam dos Warao.



⁶ Esta categoria é comumente usada na Venezuela para se referir às pessoas não indígenas, neste caso, as pessoas criollas que vivem nestes abrigos tem alguma relação com as famílias indígenas.



DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO E FAIXAS ETÁRIAS

Participaram deste levantamento 195 pessoas que se identificam com o gênero feminino (51%) e 187 com o gênero masculino (49%). Nota-se aqui uma paridade na presença de homens e mulheres nos abrigos e que aparecerá de maneira constante nas demais faixas etárias destas populações. Para o objetivo deste diagnóstico o recorte realizado considerou a população a partir dos 16 anos de idade. Deste modo, ao observar a distribuição por sexo levando em consi-

deração as faixas etárias dessas populações, nota-se que essa paridade de sexos está presente em todas as idades. Em relação à distribuição por faixa etária percebe-se que a maior parte se concentra nas camadas mais jovens. Assim, somando as populações que se encontram entre as faixas etárias de 16 a 30 anos obtêm-se o número de 203 pessoas, que corresponde a mais da metade das populações que participaram do diagnóstico (54%).

Populações Warao e Eñepa entrevistadas distribuídas por sexo e faixa etária

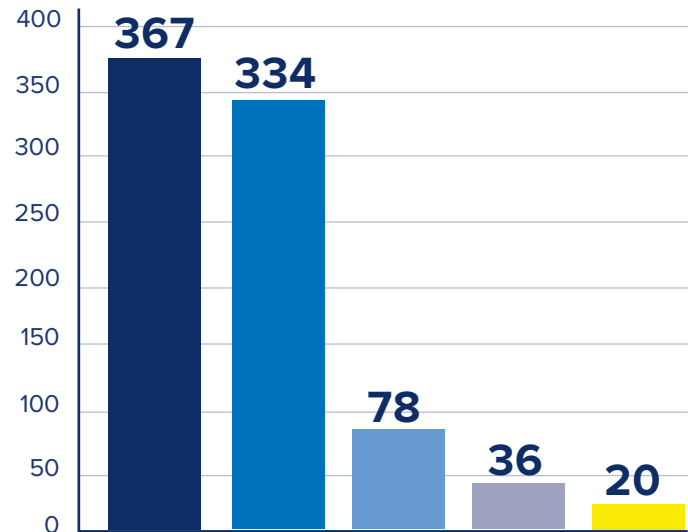
FAIXA ETÁRIA	MULHERES	HOMENS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
16 a 20 anos	39	40	79	21 %
21 a 25 anos	32	39	71	19 %
26 a 30 anos	30	23	53	14 %
31 a 35 anos	20	16	36	9 %
36 a 40 anos	19	16	35	9 %
41 a 45 anos	12	15	27	7 %
46 a 50 anos	9	10	19	5 %
51 a 55 anos	12	10	22	6 %
56 a 60 anos	6	9	15	4 %
61 a 65 anos	5	3	8	2 %
66 a 70 anos	5	4	9	2 %
Acima de 70 anos	6	2	8	2 %
TOTAL	195	187	382	100 %



IDIOMAS FALADOS PELOS WARAO E E'ÑEPA NOS ABRIGOS DE RORAIMA

Do total das 382 pessoas que participaram do diagnóstico, 367 responderam falar espanhol, o que corresponde à imensa maioria da população analisada (96%). Já 334 pessoas declararam ser falantes de warao (87%), enquanto 78 pessoas indicaram falar português (20%). Outras 19 pessoas declararam falar e'ñepa, o que corresponde ao número de indivíduos desta etnia presentes no abrigo Pintolândia (5%). Foram registradas ainda 36 pessoas que informaram falar outros idiomas (9%). Contudo, no caso dessas repostas, as pessoas indicaram antes a sua fluência nos idiomas previamente citados (warao, espanhol, português), do que o fato de falarem um outro idioma. A única exceção foi para 1 pessoa que respondeu falar inglês.

Idiomas falados nos abrigos de Pintolândia e Janokoida



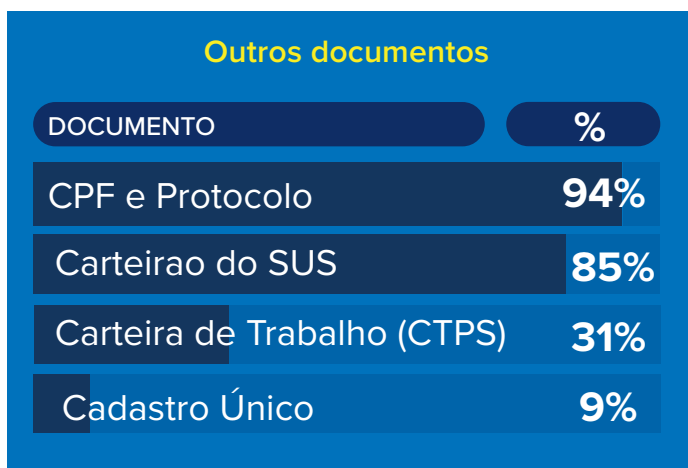
- Espanhol
- Português
- E'ñepa
- Warao
- Outro



DOCUMENTAÇÃO

Foi perguntado aos Warao e E'ñepa quais documentos possuem no Brasil. Para esta pergunta era permitida múltiplas respostas, e a porcentagem aqui se refere ao total de entrevistados (382). A grande maioria, 358 pessoas responderam que possuem CPF e Protocolo de Refúgio, correspondendo a 94% da população total que participou do diagnóstico. Em seguida, 326 pessoas responderam possuir a Carteira do Sistema Único de Saúde (SUS), correspondendo a 85%. Já 120 pessoas responderam possuir Carteira de Trabalho (CTPS), correspondendo a 31%. Um número menor respondeu possuir o Cadastro Único, 33 pessoas correspondendo a 9%, enquanto 62 responderam ter outros documentos que não constavam nas opções apresentadas, correspondendo a 16% do total de entrevistados.

Em relação às 62 pessoas que responderam possuir outros documentos as respostas foram: Registro Nacional Migratório (RNM) (28), Cartão de Vacina (8) e Auxílio Emergencial (2). Ainda 5 pessoas responderam não possuir nenhum documento.





PARTICIPAM DE ALGUM PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL



© ACNUR/ALLANA FERREIRA

Mais da metade, ou seja, 228 pessoas responderam que sim (60%), enquanto 155 responderam não participar de nenhum programa de assistência social (40%). 155 pessoas que responderam não participar de nenhum programa de assistência social. Em relação aos programas sociais de média ou longa duração, apenas 33 informaram participar do Programa Bolsa Família, correspondendo a uma porcentagem pequena do total de entrevistados, apenas 17%. Um número ainda menor de 8 pessoas respondeu receber o Benefício de Prestação Continuada, correspondendo a 3% do total.

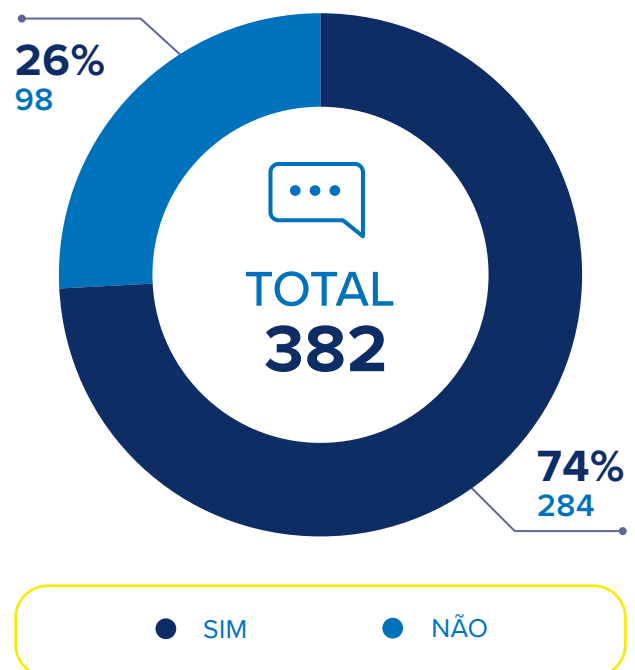


FAMILIARES NO BRASIL?

Uma grande maioria, 284 pessoas responderam que sim, correspondendo a 74% do total de entrevistados. Já 98 pessoas responderam que não, correspondendo a 26% do total. As cidades mais citadas pelos Warao e E'ñepa nas quais possuem familiares foram: Boa Vista (RR), Manaus (AM) e Belém (PA). Ainda na região Norte foram citadas as cidades de Rio Branco (AC), Porto Velho (RO) e Palmas (TO). Já na região Nordeste foram citadas São Luiz (MA), Fortaleza (CE) e Recife (PE). Na região Centro-Oeste informaram Brasília (DF), Goiânia (GO) e Cuiabá (MT), o estado do Mato Grosso do Sul também foi citado, sem mencionar a cidade. Na região Sudeste, citaram Minas Gerais, Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Por fim na região Sul citaram os três estados: Paraná (Curitiba), Santa Catarina e Rio Grande Sul. Assim, dos 26 estados brasileiros, foram informados 18 estados e o Distrito Federal como lugares onde os Warao e E'ñepa possuem familiares⁷.



Possui familiares no Brasil?



⁷ Para além de Roraima

B - Educação e Escolaridade

Os dados obtidos indicam que dos 382 indígenas que participaram do diagnóstico, 69 declararam não saber ler e nem escrever (18%). Já 67 pessoas informaram ter cursado até o 6º ano (17%) que corresponde ao Ensino Fundamental no Brasil. Outro dado significativo diz respeito ao número de pessoas que informaram ter concluído o *bachiller* que corresponde ao Ensino Médio no Brasil. Assim, 55 pessoas (14%) são *bachilleres*⁸. Por outro lado, apenas 8 pessoas declararam ter uma formação técnica (2%); 9 pessoas declararam ter concluído um curso de graduação (2%) e ainda 14 pessoas informaram ter iniciado a graduação, mas não chegaram a concluir o curso (3%).

Com base nesses dados iniciais e a partir do interesse dessas populações, é possível pensar em estratégias de ação para dar continuidade à formação dos Warao e E'ñepa. Assim, em um primeiro momento, a maior urgência seria a questão da validação dos certificados técnicos referentes aos cursos concluídos na Venezuela⁹.

Em um segundo momento, seria trabalhar a partir de grupos focais, onde parcelas das populações com o mesmo perfil educacional e a mesma demanda possa ser contemplada. Desta forma, no caso daqueles que concluíram o ensino fundamental, médio, ou que possuem formação técnica e ensino superior (graduação completa), teoricamente já estariam aptos para atuarem nas suas áreas de formação e, portanto, adentrarem ao mercado de trabalho local.

Entretanto, há algumas questões que devem ser levadas em consideração antes de se pensar na inserção

dessas populações nos quadros laborais das cidades onde se encontram. Como será demonstrado mais adiante no tocante às dificuldades encontradas pelos Warao e E'ñepa fora dos abrigos, o domínio da língua portuguesa é um ponto fundamental e deve ser levado em consideração para pensar qualquer projeto voltado para as populações Warao e E'ñepa. Assim, cursos de português estruturados de acordo com os modos de ensino e aprendizagem dessas populações devem ocorrer de maneira contínua e regular, contando com a participação efetiva dos professores Warao e E'ñepa durante todo o processo.

Também se faz necessário que as populações em questão conheçam seus direitos, enquanto pertencentes a povos indígenas, quanto a sua condição de refugiados ou migrantes. Em relação a este último ponto, a Escola de Lideranças em andamento no abrigo Jardim Floresta é um bom exemplo, na medida em que possibilita a essas populações conhecerem seus direitos e estarem em uma melhor posição de identificar possíveis situações de abuso dentro e fora do contexto laboral. Seria necessário, no entanto, ampliar o alcance desta iniciativa, contemplando também outros grupos de interesse.

Em relação às 69 pessoas que responderam não saber ler e nem escrever (18%), deve-se pensar em cursos voltados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que contemplem não apenas as especificidades inerentes a Educação Escolar Indígena como também a situação de refugiados e migrantes em que se encontram essas populações.

⁸ De acordo com as referências contidas no Parecer Técnico N° 2193/2019 – DPA/CNP/SPPEA do Ministério Público Federal, sobre a estruturação do Sistema Educacional na Venezuela e apoiado na Lei Orgânica de Educação, os alunos que concluíram até o 5º ano (13 a 17 anos) obtêm o título de *bachiller*; e a educação técnica média vai até o 6º ano (13 a 18 anos). Sob esta lógica, os dados levantados neste diagnóstico referentes à escolaridade deveriam somar os números do 5º ano com a categoria “Bachiller completo” para obter o número total de *bachilleres*. Da mesma forma, aqueles que declararam ter concluído o 6º ano devem ser somados aos números correspondentes a categoria “Formação Técnica”. Neste sentido, seria preciso levar essas divergências em consideração para saber com maior precisão o perfil de escolaridade correspondente às populações diagnosticadas. Aqui optou-se por manter os dados separados de acordo com a forma como o diagnóstico foi estruturado conforme recomendação da coordenadora de Meios de Vida da Fraternidade.

⁹ Mais adiante a questão da certificação será tratada detalhadamente.



Número de pessoas entrevistadas conforme a escolaridade

ESCOLARIDADE	Nº DE PESSOAS	PORCENTAGEM
Não sabe ler nem escrever	69	18 %
1º ano (6 – 7 anos)	8	2,0 %
2º ano (7 – 8 anos)	11	2,8 %
3º ano (8 – 9 anos)	21	5,5 %
4º ano (9 – 10 anos)	19	5, %
5º ano (10 – 11 anos)	14	3,6 %
6º ano (11- 12 anos)	67	17,5 %
7º ano (12 – 13 anos)	23	6,0 %
8º ano (13 – 14 anos)	22	5,7 %
9º ano (14 – 15 anos)	14	3,6 %
10º ano (15 – 16 anos)	13	3,4 %
11º ano (16 – 17 anos)	7	1,8 %
12º ano (17 – 18 anos)	8	2,0 %
<i>Bachillere</i> Completo [Ensino Médio – BR]	55	14,4 %
Formação Técnica	8	2,0 %
Graduação completa	9	2,36 %
Graduação incompleta	14	3,66 %
TOTAL	382	100 %



Os cursos técnicos e profissionalizantes devem ser pensados como uma forma de inserção imediata no mercado de trabalho, e seu formato, em geral mais reduzido em termos de carga horária, parece ter maior compatibilidade com as dinâmicas de mobilidade dos Warao e E'ñepa, que podem iniciar e concluir um curso técnico em uma cidade e trabalharem em outra, conforme as necessidades e interesses que lhes convêm.

Outro aspecto importante no tocante aos projetos de educação voltados para os Warao e E'ñepa que se encontram nos abrigos é estabelecer e consolidar uma linha de cooperação entre as diversas agências e entidades que trabalham diretamente no contexto de resposta humanitária, para em um primeiro momento saber quais são os projetos e ações que estão sendo desenvolvidos em cada área e, *a posteriori* poder somar esforços e fazer frente aos problemas enfrentados por essas populações de maneira mais concatenada e eficiente, resultando em soluções que promovam, de fato, melhorias a curto e médio prazo.



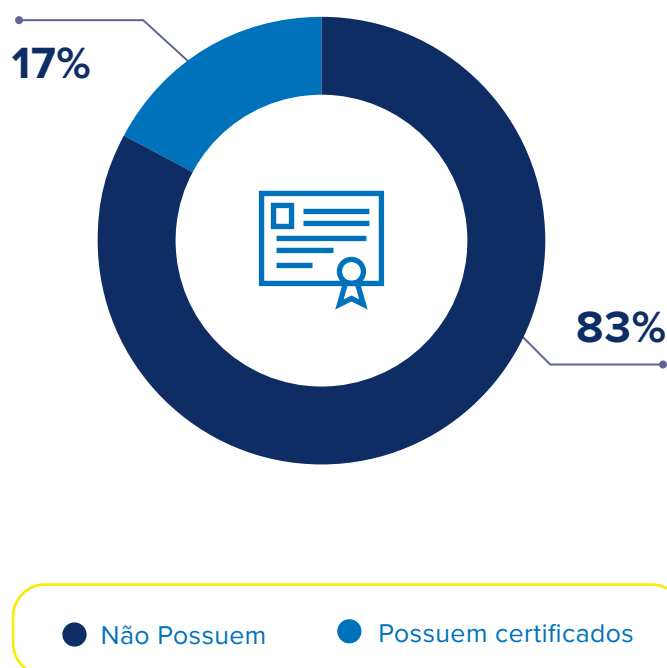
© ACNUR/ALLANA FERREIRA

CURSOS REALIZADOS NA VENEZUELA E CERTIFICAÇÃO

Dos Warao e E'ñepa que possuem formação de cursos realizados na Venezuela, 315 responderam que não possuem certificação (83%) e 65 responderam que possuem (17%). Dentre os que possuem, não fica claro se estão de posse dos certificados atualmente ou se foram certificados, mas estes documentos ficaram na Venezuela. Seria o caso, portanto, de averiguar, mais detidamente, quais seriam as pessoas que estão com seus certificados e diplomas em mãos para iniciar o processo de validação desses documentos e o reconhecimento da formação dos Warao e E'ñepa em questão.

No caso daquelas pessoas que possuem certificados, mas tenham deixado em suas comunidades de origem na Venezuela, deve-se orientá-las a trazer ou pedir para parentes que estão sempre no fluxo entre essas comunidades e as cidades de Boa Vista e Pacaraima os documentos comprobatórios de sua formação.

Certificado de escolaridade na Venezuela



A formação das pessoas que declararam possuir certificados abrange uma gama de cursos que vão desde cursos técnicos até o ensino superior e estão distribuídos em diferentes áreas como: educação, saúde, ciências, computação e informática, administração, gestão ambiental, gestão social, etc.

De acordo com o que os dados indicam, das 31 pessoas que afirmaram possuir certificado, um número significativo de 12 pessoas se encontram na área da Educação (39%); 4 na área de Enfermagem (13%); 3 na área de Administração (10%) e 3 na área de Gestão Ambiental (10%). Os demais cursos citados para os quais possuem certificado são: Gestão Social, Engenharia de Petróleo e Gás, Tecnologia da Informação/Informática, Formação Técnica Militar, Refrigeração Automotiva e Música. Duas pessoas responderam ter certificação de cursos que não foram especificados.

A partir desses dados, mas sobretudo, do interesse e das expectativas dessas populações, é possível traçar estraté-

gias de inserção laboral dos Warao e dos E'ñepa levando em consideração sua formação e experiência prévia. Inicialmente, para os profissionais da área de educação, que se apresenta como a categoria onde existe maior certificação, poderia se pensar em estratégias que possibilitem a participação dessas pessoas nos cursos de formação voltados para a própria população dos abrigos.

Neste caso, a participação dos Warao e E'ñepa, como professores, mediadores, intérpretes, entre outros, dentro dos projetos de educação, deve ser considerada como um trabalho devidamente remunerado. Esta seria uma forma de viabilizar efetivamente a participação e contribuição dessas populações indígenas nos projetos que atendam aos seus interesses.

Da mesma forma, para os Warao e E'ñepa formados em enfermagem, poderia pensar-se na sua atuação dentro dos abrigos, atendendo as demandas de suas próprias populações. Também esse trabalho deve ser socialmente valorizado e devidamente remunerado.



Cursos realizados na Venezuela com certificado

CURSOS REALIZADOS NA VENEZUELA	Nº DE PESSOAS
 EDUCAÇÃO	
 ENFERMAGEM	
 ADMINISTRAÇÃO	
 GESTÃO AMBIENTAL	
 TECNOLOGIA DA INFOR- MAÇÃO/INFORMÁTICA	
 GESTÃO SOCIAL	
 ENGENHARIA DE PETRÓLEO E GÁS	
 FORMAÇÃO TÉCNICA MILITAR	
 REFRIGERAÇÃO AUTOMOTIVA	
 MÚSICA	
 N/A	



TOTAL  **31** pessoas



CURSOS DESENVOLVIDOS NO BRASIL

Entre as 382 pessoas que participaram do diagnóstico, a grande maioria, ou seja, 323 pessoas não fizeram nenhum curso no Brasil, correspondendo a 85%. Apenas 59 pessoas responderam ter participado de algum curso, correspondendo a 15% da população diagnosticada.

Dos que realizaram algum curso, 34 responderam que fizeram cursos de língua portuguesa e 44 responderam ter realizado outro curso. Abaixo é possível acompanhar a relação de cursos citados pelos entrevistados bem como a frequência de pessoas que realizaram tais cursos.

Relação de Cursos realizados no Brasil (exceto língua portuguesa)

OUTROS CURSOS REALIZADOS NO BRAIL	FREQUÊNCIA
Promotor de Saúde Mental – MSF	6
Informática	6
Fotografia	4
Hortas Urbanas	3
Educação em Contexto Migratório	3
Confeitaria	2
Boas Práticas de Atendimento ao Cliente/PT de Vendas – FFHI	2
Saúde Indígena	1
Corte e Costura	1
Empreendedorismo	1
Comércio Exterior – SENAC	1
Administração e Comércio – SENAC	1
Primeiros Socorros	1
Educação Indígena	1
Panificação	1
Locução	1
Proteção a Violência Urbana	1
DST e Saúde – OPAS	1
N/A (EJA/escola)	7
TOTAL	44

Dentre as 59 pessoas que participaram de cursos no Brasil, 41 responderam que receberam certificado de conclusão (69%) e apenas 18 responderam que não possuem certificado (31%). Como colocado anteriormente, para aqueles que possuem certificado é possível vislumbrar uma inserção imediata no mercado de trabalho na área dos cursos realizados. Para isso, é necessário, no entanto, haver momentos de conversa e escuta entre os Warao e E'ñepa para saber quais seus interesses em ocupar as vagas disponíveis no contexto do trabalho local.

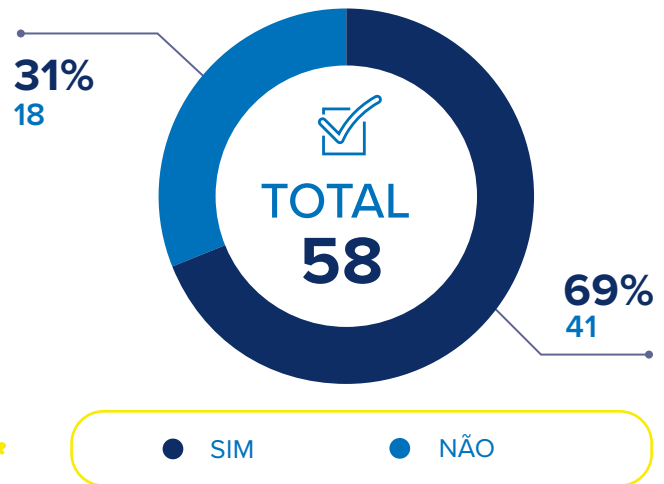


No caso das qualificações que poderiam ser desenvolvidas dentro dos próprios abrigos, seria possível levar em consideração também as formações e experiências prévias dos Warao e E'ñepa para além das áreas da saúde e educação, como por exemplo, os cursos relacionados à panificação ou preparação de alimentos. A soberania alimentar é um ponto fundamental para os povos indígenas e terem a liberdade de preparar o próprio alimento é algo que contribui não somente para sua autonomia como também reconhece seus modos próprios de organização.

Conceber uma estrutura que possibilitasse aos Warao e E'ñepa serem contratados no espaço dos próprios abrigos, ainda que na condição de trabalho temporário, onde pudessem praticar os conhecimentos adquiridos nos cursos e ao mesmo tempo ganhar experiência para se inserir no mercado de trabalho mais amplo, seria uma alternativa laboral que os prepararia para exercerem seus ofícios para onde quer que fossem. A estrutura de um trabalho temporário também permitiria que essas populações pudessem circular livremente de acordo com seus ritmos de deslocamento.

A participação dos próprios indígenas dentro dos abrigos deve ser vista como um potencial incentivo tanto no processo de inserção destas pessoas no mercado de trabalho como de reconhecimento de seu serviço prestado ao abrigo. Este trabalho deve ser remunerado e ao longo do tempo, será possível que os abrigos possam contar com uma maior participação dos indígenas na gestão dos espaços e no

Número de pessoas que receberam certificado de cursos realizados no Brasil



processo de tomada de decisão sobre os assuntos referentes às suas vidas.

As populações indígenas têm seus meios próprios de organização social, e é preciso reconhecer essas especificidades para que se possa levar em consideração qualquer decisão referente ao modo como vivem dentro dos abrigos. A participação dessas populações, na forma como eles mesmos decidirem deve ser parte fundamental do processo. Não é possível promover a autonomia desses povos, pensando apenas em suas relações para fora do abrigo, é, portanto, necessário e urgente, que eles possam participar de forma efetiva da própria gestão dos espaços onde vivem¹⁰.

CURSOS QUE GOSTARIAM DE REALIZAR NO BRASIL

Quando perguntados sobre quais cursos teriam interesse em realizar no Brasil 182 pessoas responderam que gostariam de realizar cursos que não estavam necessariamente entre as opções enumeradas pelo diagnóstico (22%). Como essa pergunta possibilitava múltiplas respostas o número total correspondente a coluna Frequência é superior ao número de Warao e E'ñepa que participaram do diagnóstico, logo a porcentagem aqui corresponde ao total de respostas e não de pessoas.

Assim, 71 pessoas responderam que gostariam de realizar um curso de agroindústria e agricultura (9%); 69











10 Estes processos começaram a ser implementados em 2021 com a abertura do Abrigo Jardim Floresta

responderam ter interesse no curso de cabeleireiro (8%); 67 pessoas responderam que gostariam de fazer um curso de artesanato (8%); 64 pessoas responderam ter interesse no curso de enfermagem e 64 no curso de técnicas e cozinha (8%); 60 pessoas ainda declararam interesse em realizar um curso de padeiro (7%); os cursos da área de pedagogia e educação e construção civil tiveram 57 respostas cada (7%); 54 pessoas demonstraram interesse no

curso de carpintaria (7%); 26 em empreendimento e vendas (3%); 25 em Administração (3%) e 24 pessoas responderam ter interesse no curso de garçom (3%).

Como será possível perceber mais adiante, os cursos de maior interesse dos Warao e E'ñepa estão diretamente relacionados às atividades e modalidades de trabalho que eles se dedicavam anteriormente na Venezuela.

Relação de cursos de interesse dos Warao e E'ñepa

	CURSO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
	Outros	182	22%
	Agroindústria e Agricultura	71	9%
	Cabeleireiro	69	8%
	Artesanato	67	8%
	Enfermagem/Área de saúde	64	8%
	Técnicas de cozinha	64	8%
	Panificação	60	7%
	Pedagogia/Área de educação	57	7%
	Construção Civil	57	7%
	Carpintaria	54	7%
	Empreendimento e Vendas	26	3%
	Administração	25	3%
	Garçom	24	3%

OUTROS CURSOS DE INTERESSE DOS WARAO E E'ÑEPA DOS ABRIGOS DE RORAIMA

Entre aqueles que responderam ter interesse por outros cursos uma gama de possibilidades foram enumeradas. Entre elas se destaca o curso de Português que corresponde ao interesse de 60 pessoas. Em seguida vem o curso de Informática com 13 interessados; 10 interessados em curso de Costura e Manualidades e 10 interessados em curso de Alfabetização. Ainda 7 pessoas responderam ter interesse em curso de Direito.

É importante chamar atenção aqui para o alto interesse por cursos de Português que como já apontado anteriormente, se constitui como uma das demandas prioritárias das populações Warao e E'ñepa dos abrigos em questão.

Os demais cursos citados tiveram um interesse menor dos Warao, somando entre 1 a 4 pessoas interessadas. De qualquer forma, os cursos chamam atenção por demonstrarem um amplo espectro de interesse dos Warao e E'ñepa presentes nos abrigos e que não se limitam apenas a cursos na área da saúde e educação.

Os cursos elencados demonstram, de certa forma, o interesse de parte dessas populações de continuarem seus estudos e chegarem até a universidade. Assim, alguns dos cursos mencionados foram: Relações Internacionais; Limpezas e Serviços; Engenharia ou Construção Civil; Tradução; Inglês; Economia Verde e Reciclagem; Atendimento em Comércio; Mecânico; Esportes; Turismo; Tecnologia e Informação; Música e Instrumentos; Engenharia Agrônoma; Artes; Piscicultura entre outros. Outras 19 pessoas responderam não terem interesse em nenhum curso, por serem idosas ou por qualquer outra razão não especificada.

Relações de outros cursos de interesse mencionados pelos Warao e E'ñepa

OUTROS CURSOS QUE GOSTARIA DE ESTUDAR NO BRASIL	FREQUÊNCIA
Português	60
Informática	13
Costura e Manualidades	10
Alfabetização	10
Direito	7
Limpeza e Serviços Gerais	4
Engenharia ou Construção Civil	4
Mecânico	4
Relações Internacionais	3
Tradução	3
Inglês	3
Economia Verde e Reciclagem	3
Agricultura e Cuidado com Animais	3
Área da Saúde	3
Esportes	3
Plantação e Cultivo Diversos	3
Segurança Patrimonial	3
Pintura	3
Artes	3
Atendimento em Comércio	2
Turismo	2
Tecnologia e Informação	2
Manicure	2
Eletricista	2
Música e Instrumentos	2
Gestão de Pessoas	1
Gestão Ambiental	1
Sapateiro	1
Locução	1
Engenharia Agrônoma	1
Piscicultura	1
N/A (Sem interesse, idosos, responderam que não querem)	19
TOTAL	163

C - Trabalho

MODALIDADES DE TRABALHO DESENVOLVIDAS PELOS WARAO E E'ÑEPA NA VENEZUELA

Com base nos dados obtidos dos indígenas Warao e E'ñepa contemplados pelo diagnóstico e considerando que esta pergunta possibilitava múltiplas respostas chegou-se ao total de 821 respostas. Das opções disponíveis no diagnóstico “agricultura” foi a que obteve o maior número, 177 respostas correspondendo a 21,6%. Logo em seguida vem a “pesca”, 164 respostas correspondendo a 19,8%; o “artesanato”, obteve

146 respostas correspondendo a 12,4% e a “caça” com 102 respostas correspondendo a 10,3%. Outras 3 opções de trabalho foram: “trabalho doméstico” com 76 respostas (9,2%); “comércio” com 43 respostas (5,2%) e “professor” com 28 respostas (3,7%). A modalidade de trabalhos realizados na Venezuela pelos Warao e E'ñepa com a frequência e porcentagem podem ser observados na **tabela**

Modalidade de trabalhos realizados na Venezuela

	TRABALHO	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
	Agroindústria	177	22%
	Pesca	164	20%
	Outro	146	18%
	Artesanato	102	13%
	Caça	64	10%
	Trabalho Doméstico	76	9%
	Comércio	43	5%
	Professor	28	3%

Como é possível perceber entre as modalidades de trabalho mais realizadas na Venezuela informadas pelos Warao e E'ñepa se destacam a agricultura, pesca, artesanato e caça. Seria importante saber até que ponto essas atividades eram realizadas para garantir a autossuficiência, ou seja, como uma atividade de subsistência voltada para o consumo imediato, ou se tratavam de atividades inseridas em uma economia de mercado local ou global. Assim, existe a possibilidade de que as pessoas que responderam trabalhar com pesca na Venezuela podem ter se referido a uma pesca de subsistência ou a uma pesca marítima industrial.

Conhecer esses dados mais detalhadamente é primordial para poder traçar um perfil laboral que reflita de maneira mais precisa as experiências dos Warao e E'ñepa na Venezuela, e possa dessa forma, consolidar estratégias futuras de inserção laboral dessas populações no contexto em que se encontram.

Ainda sobre os trabalhos realizados na Venezuela, uma porcentagem significativa (18%) correspondendo a 146 respostas informou não realizar nenhuma das modalidades de trabalho elencadas no diagnóstico. Dentre elas as modalidades mencionadas com mais frequência foram: “Pedreiro/ Construção Civil” com 15 respostas; “Serviços Gerais (Limpeza e Manutenção)” com 8 respostas; “Cozinheiro” também com 8 respostas e “Plantação e Colheita de Plátano” com 7 respostas. As demais categorias tiveram uma ocorrência menor e a categoria “Professor” foi registrada de maneira equivocada, uma vez que já se encontrava entre as categorias de modalidade de trabalho preestabelecidas na questão principal.

Dentre as respostas, 23 pessoas afirmaram não ter experiência prévia de trabalho ou não se encaixar em nenhuma das categorias anteriores. As demais modalidades de trabalho realizado na Venezuela pelos Warao e E'ñepa com suas respectivas frequências podem ser visualizadas.

Outras Experiências Profissionais na Venezuela

OUTRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS NA VENEZUELA	FREQUÊNCIA
Pedreiro / Construção Civil	15
Cozinheiro (a)	8
Serviços Gerais (Limpeza e Manutenção)	8
Plantação e Colheita de Plátano ¹⁰	7
Professor (a)	5
Sapateiro	6
Fazendeiro / Criação de Gado	4
Condutor de lanchas e embarcações	4
Caminhoneiro	4
Enfermeiro (a)	3
Soldado / Militar	3
Capintaria	3
Restaurante	3
Carregador	3
Política	2
Venda de Combustível	2
Guia / Agente de Turismo	2
Segurança Patrimonial	2
Jardinagem	2
Agente Comunitário Indígena	2
Coordenador Social de Jovens	1
Motorista	1
Secretária	1
Garçom	1
Extrator de Madeira	1
Cabelereiro	1
Parteira	1
Metalúrgico	1
Costura	1
Mineração	1
Babá	1
Venda de Peixe e Ocumo	1
N/A ou Não tem Experiência	23
TOTAL	123¹¹

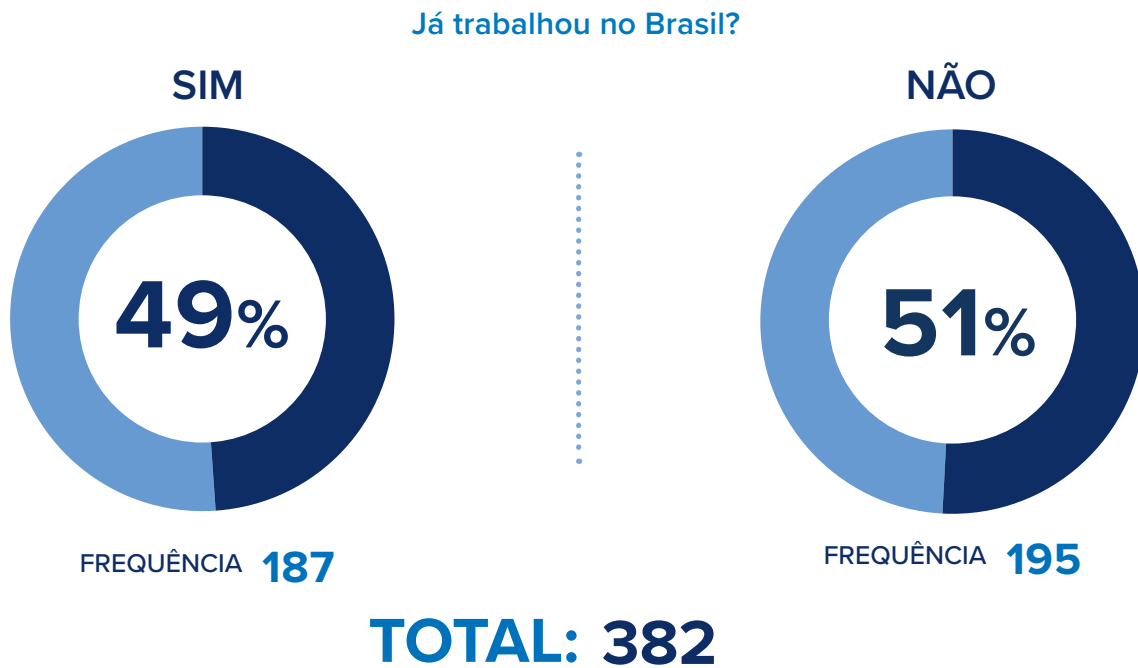
¹⁰ Plátano pode se traduzir como banana ou banana da terra

¹¹ O total referente às respostas dadas (123) para outros tipos de modalidades de trabalho realizado na Venezuela não corresponde ao total da categoria “outros” da pergunta

EXPERIÊNCIA DE TRABALHO NO BRASIL

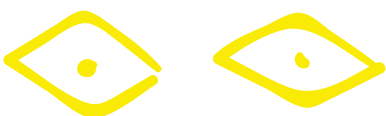
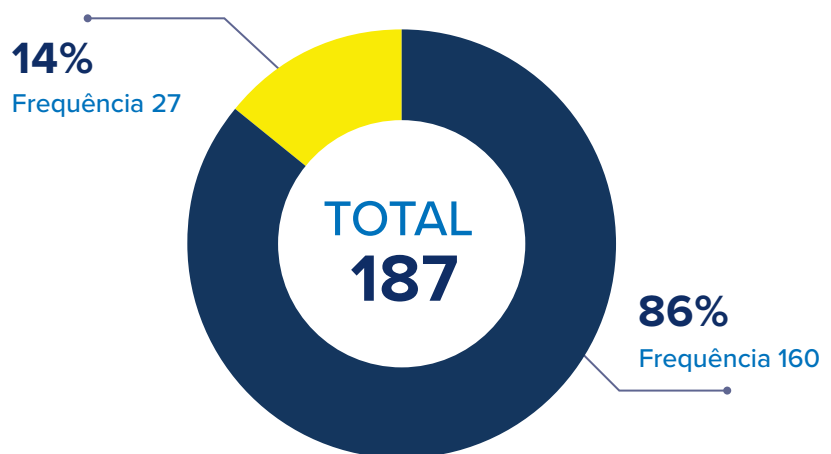
Das 382 pessoas que participaram do diagnóstico, mais da metade, ou seja, 195 pessoas responderam não ter tido alguma experiência de trabalho no Brasil (51%), enquanto 187 pessoas responderam que sim (49%).

Warao e Eñepa que realizaram algum trabalho no Brasil



Das 187 pessoas que responderam já ter trabalhado ou que estão trabalhando atualmente no Brasil, a grande maioria, ou seja, 160 pessoas informaram não ter nenhum vínculo formal de contratação, desempenhando trabalhos sem carteira de trabalho assinada (86%). Já um número muito reduzido, 27 pessoas responderam ter trabalhado ou estar trabalhando com um vínculo formal de trabalho, com carteira de trabalho assinada ou possuir contratos com prazo determinado ou (14%).

Forma de contratação dos trabalhos realizados no Brasil



- Informal (sem contrato ou carteira de trabalho assinada)
- Formal (com CTPS ou contrato com prazo determinado)

A alta porcentagem de pessoas que afirmaram ter trabalhado ou estar trabalhando de maneira informal (86%) reflete de maneira considerável a situação de vulnerabilidade das populações Warao e E'ñepa no contexto de trabalho brasileiro, tornando mais imediata assim a necessidade de implementação de estratégias que visem garantir a essas populações uma inserção laboral digna e respeite os seus direitos e corresponda as suas expectativas.

Neste sentido, como já colocado anteriormente, faz-se necessário que os Warao e E'ñepa conheçam tanto seus direitos enquanto indígenas e refugiados, como também enquanto trabalhador, para que possam dessa forma identificar possíveis situações de abusos e saibam como acionar seus direitos.

Portanto, cursos como a Escola de lideranças em que se discute aspectos legais e jurídicos de interesse dessas populações indígenas, são primordiais e devem contemplar todos os interessados. Seria preciso, no

entanto, para além dos temas relacionados aos direitos humanos de maneira mais ampla e aos direitos dos povos indígenas de forma mais específica, considerar também uma parte referente aos direitos trabalhistas.

No caso dos contratos com prazo determinado esta forma de contratação parece se aproximar mais da dinâmica de movimento dessas populações, pois permite que haja algum documento comprovando o vínculo, mesmo não garantindo direitos de rescisão por demissão. Este tipo de contrato está voltado para o caso de um trabalhador interino e que, portanto, permanece por pouco tempo na mesma função ou no mesmo local de trabalho.

Seja qual for o tipo de contrato ou a natureza do trabalho realizado, é preciso que os Warao e E'ñepa compreendam minimamente como funcionam essas modalidades de contratação para que possam reivindicar seus direitos e terem mais autonomia nas relações de trabalho nas quais participam.



LUGAR DE TRABALHO E MORADIA

Das 382 pessoas que participaram do diagnóstico, 219 expressaram sua vontade de trabalhar na cidade (57%). Já 163 pessoas informaram que preferem trabalhar na zona rural (43%). A maioria, portanto, prefere trabalhar na cidade. E neste ponto é importante recordar que entre os trabalhos realizados anteriormente na Venezuela pelos Warao e E'ñepa, a maioria remetiam a trabalhos como pesca, agricultura, além de alguns relacionados ao espaço urbano como exemplo, metalúrgico, garçom, babá, caminhoneiro, etc. Isto se apresenta como desafio, uma vez os desejos da população mudam de acordo ao novo fluxo em áreas urbanas no Brasil.

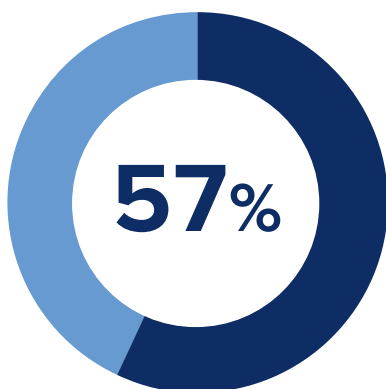
Pode-se supor também que a preferência dessas populações em realizar um trabalho na cidade esteja relacionada ao fato de que na cidade podem conseguir melhores trabalhos e alcançar uma remuneração que não teriam na zona rural. Neste sentido, é importante lembrar que para essas populações, uma das razões que as movem para longe de suas comunidades tem a ver com a busca de lugares onde possam encontrar melhores condições de vida.



© ACNUR/ALLANA FERREIRA

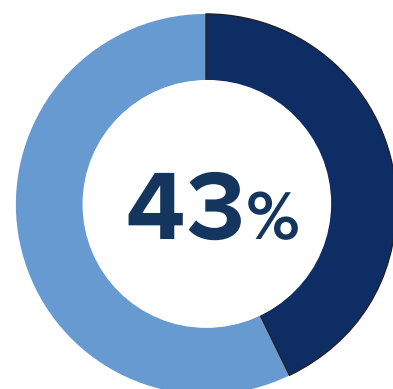
Onde gostaria de trabalhar

CIDADE



FREQUÊNCIA **219**

ZONA RURAL



FREQUÊNCIA **163**

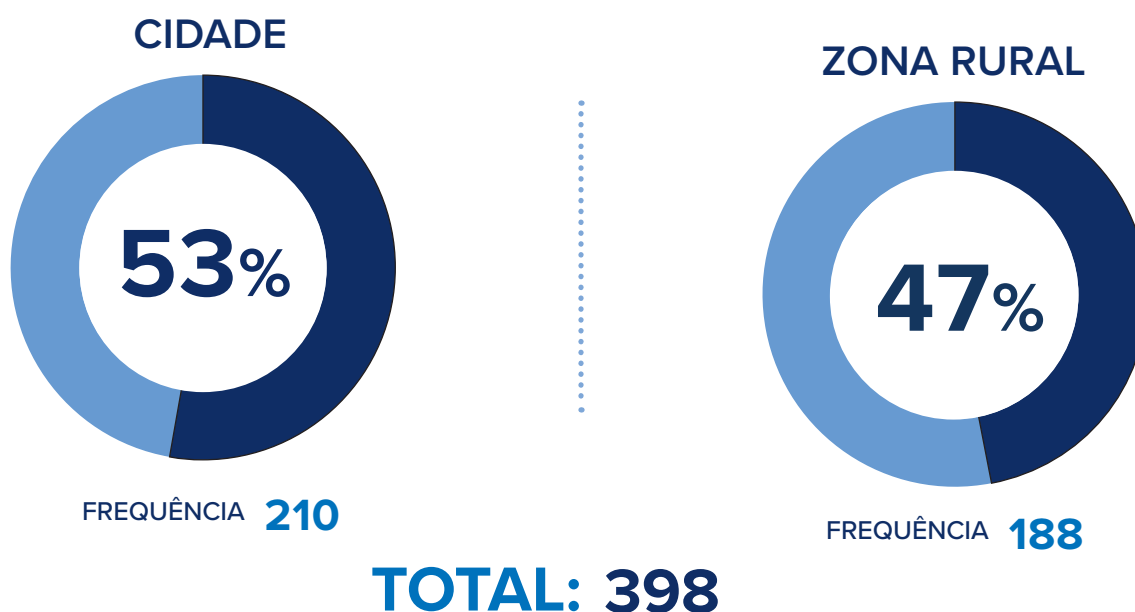
TOTAL: 382

Quando perguntados onde gostariam de viver, 210 pessoas responderam que preferem morar na cidade (53%) e 188 pessoas responderam que preferem morar na zona rural (47%). É um número que condiz também com as expectativas de encontrar um trabalho na cidade. Ainda que mais da metade dos Warao e E'ñepa que participaram do diagnóstico preferam viver em um contexto urbano, o número daqueles que preferem a

zona rural também é significativo e deve ser levado em consideração no momento de considerar estratégias voltadas para os Meios de Vida dessas populações.

Nesta questão o número total de respostas é superior ao número de pessoas, isto pode levar a crer que 16 pessoas não fazem distinção entre viver na cidade ou na zona rural¹².

Onde gostaria de viver



DIFICULDADES E PROBLEMAS ENCONTRADOS PELOS WARAO E E'ÑEPA FORA DO ABRIGO

Também foi perguntado aos Warao e E'ñepa que participaram do diagnóstico qual seria a maior dificuldade encontrada fora do abrigo. O objetivo dessa pergunta foi mapear quais os dilemas que essas populações enfrentam no contexto mais amplo de suas experiências no Brasil. Como esta pergunta possibilitava múltiplas respostas o número que se apresenta é superior ao número de entrevistados e a porcentagem corresponde a frequência das respostas dadas.






Assim, 209 pessoas responderam que a maior dificuldade encontrada atualmente diz respeito ao tema do “emprego” (36%). Já 86 pessoas responderam que “informação” se constitui como uma das principais dificuldades encontradas (15%). Outras 69 pessoas informaram que a principal dificuldade era relacionada ao “transporte” (12%), enquanto 61 pessoas apontaram o “estudo” como a maior dificuldade encontrada (10%). Em relação ao tema do preconceito e “xenofobia”, 35 pessoas responderam ser essa a maior dificuldade encontrada (6%).

¹² Esta discrepância entre os números também pode ter se dado por equívocos no momento do registro das respostas, mas entendemos que é um dado fundamental.

Como é possível perceber, o tema do emprego foi o que mais os Warao e E'ñepa apontaram como sendo a principal dificuldade encontrada fora do abrigo, demons-

trando mais uma vez a necessidade de pensar em estratégias eficazes que possibilitem a essas populações enfrentar a falta de emprego qualificado.

Modalidade de trabalhos realizados na Venezuela

	DIFICULDADES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
	Emprego	209	36%
	Outro	125	21%
	Informação	86	15%
	Transporte	69	12%
	Estudo	61	10%
	Xenofobia	35	6%



© ACNUR/ALLANA FERREIRA

Outras 125 pessoas (21%) responderam ter como principais dificuldades outras questões que não as elencadas pelo diagnóstico. A mais significativa foi referente ao idioma, onde 45 pessoas apontaram como sendo a maior dificuldade encontrada fora do abrigo. Aqui mais uma vez a necessidade do ensino do português aparece novamente.

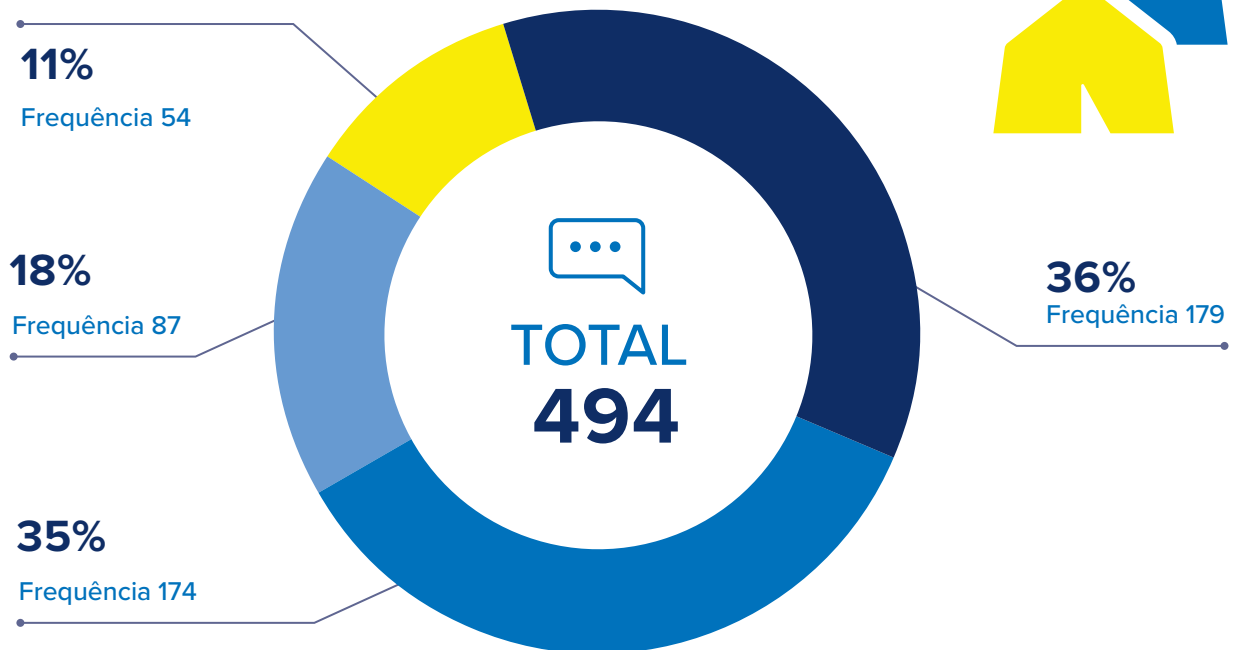
Já 55 pessoas responderam não ter nenhuma dificuldade. Questões relacionadas com documentação, moradia, medo da cidade, renda, responsabilidade familiar, saúde e violência também apareceram, mas como menor frequência, como é possível observar na tabela logo abaixo.

Outras dificuldades encontradas fora do abrigo

OUTRAS DIFICULDADES FORA DO ABRIGO	FREQUÊNCIA
Nenhuma	55
Idioma	45
Violência	7
Documento	5
Renda	4
Moradia	2
Responsabilidade familiar	2
Saúde	2
Documento e violência	1
Medo da cidade	1
Moradia e Remédios	1
TOTAL	125

Também foi perguntado aos Warao e E'ñepa qual era a maior inquietude que tinham no momento. Esta pergunta também permitia múltiplas respostas. O tema da “Reunião familiar” foi a mais respondida dentro das opções disponíveis no diagnóstico e foi a escolha de 179 pessoas correspondendo a 36% do total das respostas. O tema do emprego apareceu mais uma vez entre as questões que mais preocupam os Warao e os E'ñepa. Assim, 174 responderam essa opção, correspondendo a 35% das respostas. Já 54 pessoas responderam estar preocupadas com o tema da saúde, correspondendo a 11% das respostas. Por fim, 87 pessoas responderam ter outras inquietudes além das enumeradas pelo diagnóstico (18%).

Qual o maior problema no momento?



- Reunião familiar
- Emprego
- Outros
- Saúde



© ACNUR/ALLANA FERREIRA

3



RECOMENDAÇÕES FINAIS

Com base nos dados coletados a partir do diagnóstico aplicado aos Warao e E'ñepa dos abrigos de Pintolândia e Janokoida foi possível delinear o perfil educacional e laboral da população abrigada acima de 16 anos.

De maneira geral as principais recomendações foram feitas ao longo da presente análise com o objetivo de fornecer caminhos e alternativas viáveis para que as populações Warao e E'ñepa possam se valer de sua formação e experiência de trabalho prévia na Venezuela, com vistas a encontrar melhores oportunidades de emprego e melhorias de vida no Brasil.

Em relação à participação em programas sociais, realizar mutirões para auxiliar as populações a conseguirem tanto a documentação como o acesso a esses benefícios pode ser um caminho inicial para terem mais autonomia financeira dentro dos abrigos enquanto buscam uma fonte de renda mais estável.

Com relação ao tema da educação foi possível perceber que a maioria dos Warao e E'ñepa que participaram do diagnóstico têm interesse em continuar sua formação no Brasil, seja em áreas técnicas seja em cursos universitários. Aqui o tema da certificação parece impor alguns obstáculos, pois embora haja um número razoável de pessoas com uma escolaridade que vai do *bachiller* completo (ensino médio) até a graduação completa, passando pelos cursos técnicos profissionalizantes, a falta de um certificado que comprove essa escolaridade não possibilita que a formação dos Warao e E'ñepa seja devidamente reconhecida no Brasil e que possam atuar nas suas áreas de interesse, especialmente no caso de formação técnica e educação superior.

Mesmo no caso daqueles que possuem o certificado do ensino superior em mãos o processo de validação deve ser pensado como um caminho longo e tortuoso, onde os trâmites burocráticos podem acabar paralisando a vida daqueles que dependem de seus diplomas para conseguirem uma oportunidade de trabalho melhor.

De qualquer forma, é preciso que haja uma frente de ação que se ocupe prioritariamente do processo de validação desses documentos, buscando recomendações e direcionamentos por parte de órgãos como o Ministério Público e o Ministério da Educação e Ministério da Economia. Como já colocado ao longo desta análise, o Centro de Certificação de Professores de Roraima (CEFRR) também pode ser uma via de diálogo



frutífera para pensar não apenas em estratégias de validação de certificados como no próprio intuito de criação de um centro de formação. Aqui as Universidades também cumprem um papel significativo e o Instituto Insikirá é sem dúvida uma via de acesso para viabilizar a formação dos Warao e E'ñepa que tenha interesse em seguir um curso universitário intercultural.

Outro caminho que deve correr paralelo ao reconhecimento e validação dos cursos realizados na Venezuela, são os cursos já realizados no Brasil e para o qual os Warao e E'ñepa possuem certificação. Como foi demonstrado pelo menos 41 pessoas possuem certificado de cursos realizados no Brasil e já estariam aptas a ingressar no mercado de trabalho local. Para isso, estabelecer convênios com entidades e órgãos públicos de geração de emprego, já que essas organizações além de fornecerem cursos técnicos e profissionalizantes também fazem a mediação entre empresa e empregado, viabilizando dessa forma a inserção dos Warao e E'ñepa no mercado de trabalho local.

No mesmo sentido de aumentar as capacidades para o trabalho, a inserção na língua portuguesa, respeitando as questões interculturais é fundamental para garantir uma maior inserção da população e preparação para o mercado de trabalho.

A estratégia proposta para lidar com os diferentes perfis encontrados nesse diagnóstico foi o de trabalhar por grupos focais onde cada grupo pode ser ouvido e ter suas necessidades atendidas de maneira mais rápida e eficaz.

Um articulação importante deve ser feita entre as agências que trabalham o tema de educação e meios de vida entre os Warao e E'ñepa: é preciso que haja uma frente que possa estar bem articulada com as ações das demais agências que também trabalham com o mesmo público e no contexto de ajuda humanitária. Propor um termo de cooperação, onde o tema da educação possa ser amplamente discutido, possibilitaria uma ação conjunta mais focada e efetiva para pensar em cursos de formação e inserção dessa população do mercado.

Outro ponto a ser considerado é que essas populações circulam e qualquer solução duradoura deve ser pensada com vistas a dar conta da realidade e do dinamismo intrínseco à cultura e forma de organização dos povos em questão.

Neste diagnóstico foi contemplada apenas a formação pensando na população de jovens e adultos com vista na inserção no mercado de trabalho, entretanto quando se pensa em soluções duradouras é preciso também pensar nas gerações vindouras. Não existe perspectiva de futuro sem levar em consideração as crianças, é preciso em algum outro momento pensar em como será possível contemplar essa parcela mais vulnerável da população de forma a permitir a sua inserção em um sistema de educação escolar que respeite suas especificidades e seus modos próprios de ensino e aprendizagem.

Cursos profissionalizantes devem ser pensados com uma estrutura e duração que contemplem a mobilidade dessas populações. Assim, seria mais interessante pensar em cursos de curto e médio prazo, pois estas populações poderiam se beneficiar desses cursos e eventualmente trabalhar em outras cidades ou estados.

Como já foi colocado ao longo da análise, é importante considerar os espaços dos abrigos como a possibilidade de um lugar de experiência de trabalho. Assim, após realizarem os cursos técnicos e profissionalizantes, os Warao e E'ñepa poderiam praticar aquilo que aprenderam durante os cursos nos espaços onde habitam. Além de possibilitar uma maior participação dessas populações nos abrigos essa experiência poderia ser considerada como um tipo de “estágio”, onde os Warao e E'ñepa trabalhariam por um período temporário, possibilitando assim que várias pessoas possam ocupar essas vagas, em um sistema de rotatividade, se adequando igualmente, a dinâmica de mobilidade dessas populações.

Por último, mas não menos importante é fundamental levar em consideração a participação dos professores Warao e E'ñepa durante todos os projetos voltados para a área da educação. Como foi possível perceber pelos dados apresentados, há um número considerável de professores e pessoas da área pedagógica que poderiam contribuir enormemente nos cursos de formação voltados para essas populações. E neste processo, é importante considerar também a participação de professores que não são necessariamente diplomados, mas que gozam da consideração e do reconhecimento dos seus grupos de residência.





© ACNUR/ALLANA FERREIRA

COMUNIDADE KA'UBANOKO

Por último, compartilhamos algumas recomendações que aparecem no documento “Consulta Livre, Previa e Informada” elaborado pelos Warao, E’ñepa e Kariña de Ka’Ubanoko e que foi divulgado no dia 15 de dezembro de 2020.

O diagnóstico em questão foi elaborado para ser aplicado aos Warao e E’ñepa que se encontravam atualmente nos abrigos de Pintolândia em Boa Vista e Janokoida em Pacaraima.

Como o diagnóstico não foi aplicado a essas populações, transcreve-se e traduz-se aqui algumas de suas recomendações no que diz respeito a temas que foram apontados pelo diagnóstico, como saúde, educação e trabalho.

“Os indígenas devem ser organizados de forma comunitária, incluindo métodos de prevenção segundo as práticas tradicionais (medicina). Os programas de educação devem contemplar suas histórias, conhecimentos e habilidades, respeitando seus sistemas de valores, devem tomar providências para preservar os idiomas indígenas.”

“Para nós educação não se limita a escolarização ou outros processos considerados formais, senão que engloba diferentes processos de ensino e aprendizado e socialização de conhecimento. Cada povo indígena tem seus próprios processos educativos, os quais desenvolvem em diferentes espaços e tempo de ensino e aprendizado, segundo as culturas. Por isso, desenvolver uma proposta educativa adaptada as diferentes culturas seriam imprescindível”.

“

Depois do tempo transcorrido, se buscaria a articulação com a Secretaria de Educação Indígena do Estado, com a finalidade de reconhecer o processo e garantir as vagas nas escolas municipais e estaduais, para dar continuidade ao estudo e a inserção na sociedade brasileira”.

“Propomos cursos de: panificação; segurança; culinária; computação e informática; costura; carpintaria; preparação de alimentos, etc., para ter um certificado avaliado pela operação acolhida e que possam se integrar na vida laboral em qualquer lugar do Brasil”.

“Deve existir um mecanismo de estudo por indivíduo e por família, onde os aidamos/caciques/ljan possam participar, determinando seu perfil, quais conhecimentos possuem, em qual área podem trabalhar, se estão emocionalmente preparados para assumir uma saída do espaço comunitário.”

Por considerar que os Warao, os E’ñepa e os Kariña que se encontravam em Ka Ubanoko, e agora estão no novo abrigo do Jardim Floresta, também compartilham os mesmos dile-

mas e incertezas em relação ao futuro que os Warao e E’ñepa que estavam nos abrigos em 2020 enfrentam no Brasil, é importante pensar nestas populações como um todo, independentemente de onde estejam, para que os projetos que buscam encontrar soluções duradouras possam dar conta de toda complexidade que esta realidade apresenta.

Dessa forma, é de suma importância que as estratégias e projetos voltados para a formação educacional e profissional contemplem também os Warao, os E’ñepa e os Kariña que estão nos abrigos, sejam nos mais antigos ou no Jardim Floresta.



O ACNUR, A Agência da ONU para Refugiados, agradece o apoio de:



Canada



Irish Aid
Rialtas na hÉireann
Government of Ireland



Colaboração do
Povo Japonês

LUXEMBOURG
AID & DEVELOPMENT



KOICA
Korea International
Cooperation Agency



Schweizerische Eidgenossenschaft
Confédération suisse
Confederazione Svizzera
Confederaziun svizra

Swiss Agency for Development
and Cooperation SDC

UKaid
from the British people



United Nations
CERF

 **UNHCR**
ACNUR
Agência da ONU para Refugiados

 **FRATERNIDADE**
FEDERAÇÃO HUMANITÁRIA INTERNACIONAL